

Uma Apreciação Cristã da Filosofia Contemporânea

por

Gordon Haddon Clark

Moços e moças, se tiverem qualquer ambição, não ficarão satisfeitos em meramente ganhar a vida e se estabelecerem numa rotina confortável, porém sem sentido. Pessoas de sérias intenções querem fazer um impacto eficaz no mundo ao redor deles. Homens e mulheres cristãs não *querem* somente deixar sua marca no mundo, mas eles estão debaixo de *obrigação* divina de fazer tal tentativa. Para assim fazer, para alcançar algo acima do mero resultado mediano, um pré-requisito é um entendimento da civilização da qual fazemos parte. Se desejarmos ser persuasivos, devemos saber que as outras pessoas estão pensando. Portanto, para entender nossa sociedade contemporânea, é desejável, eu diria essencial, ter uma compreensão da filosofia recente.

A razão de a filosofia ser tão importante no entendimento de uma civilização, a razão pela qual, portanto, a filosofia é essencial para qualquer um que deseje influenciar a sociedade, é simplesmente que, no geral, a filosofia controla os pensamentos dos homens. As pessoas podem não estar cientes dos fatores que influenciam seu pensamento; elas podem nunca ter ouvido sobre os grandes pensadores do mundo; mas com o passar do tempo, as teorias dos filósofos são popularizadas, publicadas, e então, incorporadas no pensamento dos cidadãos ordinários.

Um exemplo de um filósofo controlando o pensamento de uma geração posterior, nesse caso o pensamento do começo do século vinte, é o de Friedrich Schleiermacher. Foi ele quem produziu o modernismo. Houve muitos cristãos, há quarenta ou cinquenta anos atrás¹, que se alarmaram com o modernismo, mas eles nem sempre reconheceram sua origem nem entenderam suas idéias principais.

Portanto, eles ficaram estarecidos com sua popularidade e não encontrando o motivo, desorientados. Esses fundamentalistas pensavam que o modernismo era meramente uma questão de negar milagres, o nascimento virginal, a expiação e a ressurreição. Mas essas eram somente as implicações do modernismo. Em sua base estava uma visão diferente da natureza da religião. Schleiermacher tinha recomendado uma religião baseada na experiência, ao invés de uma baseada na revelação. Seu pensamento era essencialmente antropocêntrico, antes do que teocêntrico. A Psicologia da Experiência Religiosa substituiu a Teologia, e as doutrinas da Bíblia foram então descartadas, uma a uma. Até mesmo hoje, quando o sucesso do modernismo

¹ Nota do editor: Essa palestra foi proferida em 1959.

tem declinado nos seminários, milhões de pessoas nos bancos da igreja continuam a pensar mais ou menos como Schleiermacher ensinava. Para encontrar o modernismo adequadamente, a pessoa deve conhecer sua origem, sua motivação e a estrutura essencial de suas idéias. Em geral, se alguém deseja trabalhar com pessoas que têm aceitado inconscientemente as visões de um pensador antigo, é mais desejável, eu diria essencial, entender os fatores que têm formado suas opiniões.

Contudo, a filosofia contemporânea sobre a qual desejo falar não é a do modernismo de Schleiermacher e Ritschl. Eu desejo falar de uma filosofia secular e de um movimento religioso que têm alguns elementos básicos em comum e que, entre eles, caracterizam muito bem o pensamento dos Estados Unidos hoje. A filosofia secular é o Pragmatismo ou Instrumentalismo, e o movimento religioso é chamado de Neo-ortodoxia. Ambos derivaram de um ou de alguns filósofos que viveram há aproximadamente um século atrás.

Perto do começo do século 19, Hegel dominou toda a filosofia. Ninguém mais se aproximou dele na largura de interesse, profundidade de discernimento, ou poder de raciocínio detalhado. Seu sistema de Idealismo Absoluto reivindicava ter uma explicação racional de tudo. A Razão tinha solucionado todos os problemas, e O Sistema era quase perfeito. Após sua morte, sua filosofia se espalhou pela Alemanha, eclipsou tudo o mais na Inglaterra e foi largamente sustentada nas Universidades Americanas.

Durante esse tempo de popularidade de Hegel, começou na Alemanha, incluindo entre os estudantes imediatos de Hegel, um movimento que foi destinado à controlar nosso pensamento do século 20. Tanto Karl Marx como Soren Kierkegaard estudaram sob a orientação de Hegel. Ambos chegaram à conclusão de que Hegel estava terrivelmente equivocado. Eles concordaram que a Razão não tinha resolvido todos os problemas e que a Razão não poderia resolver todos os problemas. De uma forma ou de outra eles e seus seguidores depreciaram a Razão. Assim, embora Marx e Soren Kierkegaard diferenciassem sobre muitos pontos importantes, o primeiro sendo um socialista ateu e o último um cristão individualista, os dois, em seu comum ataque à Razão, iniciaram o Irracionalismo, que caracteriza uma grande seção do pensamento de hoje.

Por irracionalismo não quero dizer uma visão, como aquela da filosofia católico romana, que defende uma esfera de fé superior à razão; nem quero dizer qualquer desconfiança judiciosa das assim-chamadas racionalizações e rápidas e fáceis soluções para difíceis e intrincados problemas. Irracionalismo aqui quer dizer uma repudição fundamental da própria razão. Nesse tipo de filosofia a validade das próprias formas de pensamento, dos próprios processos de lógica, é negada.

Para nos focarmos no assunto principal, será suficiente, em primeiro lugar, dar um pequeno relato das filosofias seculares de William James e John Dewey, com seus imediatos predecessores europeus, Friedrich Nietzsche e Emile Durkheim. Então, em segundo lugar, compararei essa filosofia secular

com alguns dos fatores básicos no movimento religioso conhecido como Neo-ortodoxia.

Nietzsche, o alemão, e Durkheim, o francês, sessenta ou setenta após os primeiros ataques contra a deificação da razão de Hegel, chegaram ao seu irracionalismo através de uma abordagem biológica. Embora eles possam não ter sido os primeiros a aplicar os princípios da evolução, eles assim o fizeram mais criteriosamente do que qualquer um dos seus predecessores.

Com essa abordagem concluiu-se que, em ambos os casos, não há nenhum padrão de moralidade universal, nem quaisquer formas fixas de lógica prendendo todos os pensamentos. Tanto a lógica como a moralidade são sujeitas ao fluxo. Para Nietzsche, a moralidade proclama o Super-homem que é superior aos padrões tradicionais, e para Durkheim, cada sociedade produz seus próprios padrões, de forma que ela não pode ser julgada pelos padrões de qualquer outra civilização estrangeira.

O efeito dessa visão sobre as formas da lógica pode ser mais bem abordado enfatizando o naturalismo que Nietzsche tão claramente expressa. O Naturalismo, na linguagem popular e inexata, é um tipo de materialismo. Nietzsche não somente repudiou a Razão universal Hegeliana, mas ele negou também a existência de uma alma ou mente. Para ele, assim como para Marx, o ponto de partida de toda filosofia é o corpo. Portanto, ele conclui, a noção de que o universo é amena às formas do pensamento humano é absolutamente ingênua.

Tudo que alcança nossa consciência, assim ele diz, é simplificado e ajustado às nossas necessidades. Nós nunca encontramos um fato da natureza; nunca compreendemos coisas como elas são. O instrumento inteiro do conhecimento é um dispositivo simplificador, direcionado não na verdade, mas na utilização do mundo para nossos propósitos humanos.

A lógica, como um desenvolvimento evolucionário, distorce a realidade, e o que agora chamamos de verdade é simplesmente o tipo de erro sem o qual as espécies não podem sobreviver. A lei básica da lógica é a lei da contradição. Não podemos pensar sem ela. Mas isso, na opinião de Nietzsche, é somente um sinal de nossa incapacidade — nossa incapacidade de afirmar e negar uma e a mesma coisa. Supor que a lógica e a lei da contradição são adequadas para a realidade pressupõe um conhecimento da realidade anterior a essa lei e independente dela. Obviamente, portanto, a lei da contradição é válida somente para existências assumidas que tenhamos criados.

Tanto Nietzsche como Durkheim consideraram as leis do pensamento como sendo o produto da evolução. Hoje, os homens nascem com esses produtos evolucionários tão impregnados neles que eles não podem pensar de outra forma. Esses hábitos são úteis, mas isso não faz deles verdadeiros. De acordo com Durkheim, os conceitos de tempo, contradição e causalidade são resultados de ritos religiosos e cerimônias sociais. Não há conceito universal de tempo ou causalidade; cada sociedade tem o seu. Indivíduos que usam categorias diferentes daquelas de sua sociedade foram tratados como insanos,

eliminados, com o resultado de que somente aquelas pessoas que usaram os modos de pensamentos aprovados socialmente sobreviveram.

William James continua esse ataque contra o que ele chama de a “serpente do racionalismo”. O Absoluto Hegeliano é fútil e o teísmo é vazio. As categorias de lógica são produtos evolucionários. Espaço e tempo não são instituições *a priori*, mas construções artificiais. Outras categorias poderiam ter sido desenvolvidas, e poderiam ter provado serem tão úteis quanto aquelas que usamos agora.

Até o fim de sua vida, James negou também a existência de uma consciência e deu evidência de adotar o ponto de vista do behaviorismo. De qualquer modo, John Dewey mui claramente baseia o conhecimento sobre funções lógicas e explicitamente professa certo tipo de behaviorismo.

John Dewey traça todo conhecimento às “co-ordenações senso-motoras”. Repetidamente Dewey objeta à terminologia “mentalística”. A mente, ele diz, é o complexo de hábitos corporais. Realmente, hábitos formados no exercício de aptidões biológicas são os únicos agentes de observação, recordação e julgamento. Uma mente que percebe essas operações é um mito; hábitos concretos fazem toda a percepção e raciocínio que é feito. Num lugar Dewey diz, de uma maneira bem direta, que o conhecimento vive nos músculos, não na consciência.

Visto que esses músculos e aptidões biológicas estão relacionados com a sobrevivência, segue-se que, para Dewey, a verdade, incluindo as leis da lógica, é instrumental. Nossos conceitos têm sido inventados para resolver nossos problemas. Se uma idéia ou conceito funciona, ela é verdadeira. Esse princípio pragmático de que a verdade é o que funciona é muito mais claramente declarado em Dewey do que em James. Lendo James alguém pode supor que a verdade de uma idéia é testada colocando-a para funcionar. Se o teste for bem-sucedido, a idéia é provada como sendo verdadeira.

Por exemplo, alguns cristãos podem imitar James e dizer que devemos colocar Deus à prova; devemos crer em Deus; devemos aceitar a idéia de Deus. Então, se nossa crença é confirmada pelo sucesso nos assuntos da vida, ou pelo menos numa vida futura, quando o julgamento de Deus justificar nossa crença, a idéia de Deus será claramente vista como sendo verdadeira.

Dewey impede um cristão de usar o pragmatismo dessa forma. Para ele, “idéias são declarações, não do que é ou foi, mas de atos a serem realizados”. “Uma idéia ou conceito é um... plano para *agir* de uma certa forma”. Portanto, a idéia de Deus não é a idéia de um Ser pré-existente; é um plano de ação, e seu significado é totalmente exaurido nos movimentos musculares visíveis de solucionar um problema. Similarmente, os conceitos de física e química, tais como gravidade e ácido sulfúrico, não são declarações de existências antecedentes, mas de operações no laboratório.

Naturalmente, Dewey diz a mesma coisa dos conceitos de lógica. A lei da contradição é construída como uma ferramenta útil para o propósito de

solucionar um problema. Até onde a lógica for útil, ela será mantida. Quando no futuro outro problema se levantar, para o qual essa ferramenta não estará adaptada, inventaremos um conceito diferente, formaremos um plano diferente de operação, formularemos um tipo diferente de lógica.

Agora, Dewey foi um escritor tão volumoso e suas visões têm sido tão influentes em diversos assuntos que é tentador continuar uma exposição estendida de sua filosofia. Contudo, a ocasião proíbe; e tendo feito o simples ponto do behaviorismo instrumental, devo apressar minha crítica da lógica que ele propõe. A crítica deve ser breve e constricta. Essa é para a questão, em minha opinião, extremamente importante. O irracionalismo é um fenômeno amplamente difundido. Essencialmente as mesmas visões são encontradas entre os positivistas lógicos e os filósofos analíticos de Oxford. Por exemplo, A. J. Ayer, como Dewey, sustenta que a lógica é uma construção arbitrária e que “é perfeitamente concebível que devamos ter empregado diferentes convenções lingüísticas”.

Mostrarei de maneira sucinta que a Neo-ortodoxia também abriga muito da mesma idéia de lógica. Esse é o porquê um conhecimento de filosofia secular é tão importante em discussões religiosas. Ambas são ramos do mesmo tronco. Nenhuma das suas formas pode ser plenamente entendida aparte do pano de fundo comum. Portanto, se a lógica comum dessas diversas escolas é defeituosa, uma crítica afundará todas elas.

Se os princípios lógicos são arbitrários e tentativos, seja porque eles são estipulações procedurais da escola analítica, ou porque eles são as convenções de uma sociedade, ou porque eles são hábitos musculares behaviorísticos, e se, portanto, é concebível empregar diferentes convenções lingüísticas, deveria ser possível para esses filósofos inventar uma convenção diferente e agir de acordo como elas expressam suas visões. Eles podem agir assim?

Agora, a lei aristotélica da contradição, que eles rejeitam ou afirmam que pode ser rejeitada, requer que uma dada palavra não somente deve significar algo, mas que ela deve também não significar alguma outra coisa. O termo *cachorro* deve significar cachorro, mas também deve não significar montanha; e *montanha* não deve significar metáfora. Cada termo deve se referir a algo definido e ao mesmo tempo deve haver outros objetos aos quais ele não se refira. Suponha a palavra *montanha* significar metáfora, cachorro, Bíblia e Estados Unidos. Claramente, se uma palavra significa tudo, ela não significaria nada.

Se, agora, a lei da contradição não é uma verdade fixa, se ela é meramente tentativa, e se outra forma de pensamento é concebível, eu desafio esses filósofos a escreverem um livro em conformidade com seus princípios. Isto é, eu os desafio a escreverem um livro sem usar a lei da contradição e sem insistir que as palavras tenham referências definitivas. Na realidade, não seria difícil para ele fazerem isso. Nada mais é necessário, senão escrever a palavra metáfora sessenta mil vezes. Metáfora metáfora metáfora metáfora. Isso significa que o cachorro correu na montanha; pois a palavra *metáfora* significa

cachorro, correr e montanha. Mas, desafortunadamente, a sentença “Metáfora metáfora metáfora metáfora” também significa: “O próximo Natal é dia de ação de graças”; porque a palavra *metáfora* tem esses significados também.

O ponto deve ficar claro. Alguém não pode escrever um livro ou falar uma sentença que signifique qualquer coisa sem usar a lei da contradição. A lógica nem é uma convenção procedural, nem um produto da sociedade, nem um hábito muscular. A lógica é uma necessidade inata. Seja no secularismo de John Dewey e A. J. Ayer, ou na teoria religiosa da Neo-ortodoxia, ou mesmo na freqüente depreciação pietista de nossa assim-chamada falível razão humana, esse irracionalismo faz de toda religião inteligível impossível. Cada doutrina definitiva em particular e a soma delas como uma revelação verbal é vazia de todo significado. Mas, afortunadamente, esse irracionalismo faz ele próprio impossível também. As teorias de Nietzsche, Dewey e Ayer são auto-refutatórias porque elas não podem ser declaradas inteligentemente, exceto em virtude da lei que eles repudiam.

A segunda metade, ou eu diria a segunda parte desse artigo, pois ao invés de ser uma metade igual, será somente um breve apêndice, trata com a neo-ortodoxia. A exposição da Neo-ortodoxia deve ser breve e constringida como a exposição precedente o foi. Será suficiente mostrar que a Neo-ortodoxia compartilha o mesmo irracionalismo e, portanto, sofre o mesmo destino da não-inteligibilidade. Esse é o caso, pois elas são dois produtos gêmeos da mesma tendência anti-Hegelian. Karl Marx estimulou a reação secular e naturalística, e Soren Kierkegaard promoveu a reação religiosa. Ambos sustentaram a razão e o intelecto em baixa estima.

Para Soren Kierkegaard Deus é a verdade; mas a verdade existe somente para um crente que interiormente experimenta a tensão entre ele mesmo e Deus. Se uma pessoa realmente existente é um incrédulo, então para ele Deus não existe. Deus existe somente na subjetividade.

A ênfase na subjetividade e o correspondente menosprezo da objetividade resultam na destruição da historicidade objetiva do Cristianismo. O histórico não é o religioso e o religioso não é o histórico. A religião real não consiste no entendimento de algo; ela é uma questão de sentimento e paixão anti-intelectual. Basear a religião de alguém na história objetiva coloca-o à mercê dos resultantes sempre-mutantes do criticismo histórico. É absurdo supor que a bem-aventurança eterna possa ser baseada numa informação histórica.

A questão importante não é o que uma pessoa crê, mas como ela crê. O método de religião não é intelectual; ele é uma experiência de sofrimento e desespero; é apropriação e decisão apaixonada. *O que* é apropriado é de pouca importância.

Em seu vívido estilo, Soren Kierkegaard descreve dois homens em oração. Um está numa igreja Luterana e abriga um conceito verdadeiro de Deus; mas porque ele ora com um espírito falso, ele está orando a um ídolo. O outro está realmente um templo pagão, orando aos ídolos; mas porque ele ora com uma

paixão infinita, ele está na verdade orando a Deus. Pois a verdade reside no “*Como*” interior, e não no “*O que*” exterior. “Se apenas o “*Como*” da relação estiver na verdade, então o indivíduo está na verdade, embora ele, dessa forma, se relacione com uma inverdade”.

Essa ilustração implica que é objetivamente indiferente se alguém adora Deus ou um ídolo. O que conta é a relação subjetiva do indivíduo para com um Algo desconhecido. Mas se nossa adoração é dirigida para um Algo desconhecido, antes do que para o Absoluto Conhecível de Hegel, ou para o Deus de Abraão, Isaque e Jacó que nos dá informação sobre Ele mesmo, não haveria nenhuma diferença distinguível entre adorar a Deus e adorar ao diabo.

Muitos dos discípulos contemporâneos de Soren Kierkegaard continuaram esse anti-intelectualismo. Por exemplo, Reinhold Niebuhr afirma que toda afirmação sobre o lugar do homem no cosmo torna-se envolvida em contradições quando plenamente analisada. Não há escapatória de um absurdo racional. O homem é livre a partir da razão com uma liberdade que está acima de todas as categorias da filosofia. Contudo, para os propósitos dessa palestra, confinarei as análises às visões de Emil Brunner.

Emil Brunner distingue duas variedades de verdade. Primeiro, há a verdade ordinária dos assuntos cotidianos, matemática e ciência. Alguém pode chamá-la de verdade abstrata. Brunner chama-a de Verdade-Impessoal para distingui-la da segunda variedade, a qual ele chama Verdade-Pessoal. À medida que passamos da lógica e matemática, pela sociologia e antropologia, para a teologia, deixamos a abstrata Verdade-Impessoal e entramos no reino religioso das relações pessoais. Aqui o homem não é mero observador neutro, como ele é suposto ser na lógica e na matemática, mas antes, ele próprio é afetado pela verdade e exercita fé e confiança pessoal. No centro dessa esfera está uma confrontação pessoal do indivíduo com Deus.

Nessa experiência de confrontação pessoal, a distinção filosófica tradicional entre sujeito e objeto é transcendente, e a nova verdade se torna uma relação de sujeito para sujeito. Deus nunca é um objeto de conhecimento. Alguém que tem tido essa confrontação pessoal com Deus, como os apóstolos tiveram, pode falar sobre ela mais tarde. Ao falar sobre ela, elas usam sujeitos e predicados, elas usam as formas de lógica e pensamento abstrato. Mas o que elas dizem não é realmente verdade. A verdade abstrata, verbal e proposicional é meramente um indicador para a verdade pessoal. Algumas proposições apontam mais diretamente do que outras, mas até mesmo as palavras da Escritura são apenas indicadores.

Brunner não quer dizer que as palavras da linguagem sejam convencionais, de forma que sons diferentes em idiomas diferentes signifiquem a mesma coisa. *Dog* e *Hund* e *Chier*² são todos sons arbitrários para expressar o mesmo pensamento. Mas para Brunner não é apenas o som ou a palavra, é o próprio pensamento que falha em captar o objetivo. Ele diz explicitamente que o

² Nota do tradutor: Cachorro em inglês, norueguês e francês, respectivamente.

próprio conteúdo conceitual, bem como sua expressão verbal, não é a coisa real; ele é somente uma estrutura, um meio, um indicador.

Por essa razão, diz Brunner, não deveríamos permitir que a lógica de nossa linguagem nos levasse muito longe. Embora o que realmente digamos numa proposição possa implicar validamente numa segunda proposição, acontece freqüentemente que a fé deve refrear nossa lógica. Algumas vezes podemos seguir as implicações de nossos pensamentos, mas algumas vezes a fé nos faz negar na conclusão o que afirmamos nas premissas.

É assim que Brunner usa a boa lógica para refutar Schleiermacher; mas porque a boa lógica apóia antes do que refuta João Calvino, a fé deve refrear nossa lógica e refutar Calvino para nós.

Aqui, obviamente, Brunner está em problemas. Pois, por que ele pôde aceitar a lógica no caso de Calvino e refrear sua lógica no caso de Schleiermacher? Como alguém sabe quando aceitar as implicações de suas próprias afirmações e quando não aceitar? Essa questão é um *indicador*, ela aponta para o irracionalismo arbitrário da posição de Brunner. Se duas implicações são igualmente válidas, não pode haver nenhuma razão para seguir uma e refrear a outra.

De fato, Brunner está numa posição ainda pior do que isso indicaria - se é que há pior. Visto que todas as proposições são meramente indicadores e visto que o conteúdo intelectual delas é meramente uma estrutura vazia, realmente não faz diferença se nossas afirmações são verdadeiras ou falsas. Não somente é insignificante se você ou eu falamos a verdade, nós não podemos nem mesmo depender de Deus para falar a verdade. Brunner diz de uma forma completamente explícita que uma proposição falsa pode ser um indicador assim como uma proposição verdadeira. O próprio Deus é livre das limitações das verdades abstratas e pode falar sua variedade de verdades especiais em declarações falsas.

“Nosso conhecimento de Deus”, para traduzir *Philosophie und Offenbarung*, “que obtemos da revelação, é primeiro um Conhecimento Como-se”. Isto é, a revelação não é estritamente verdadeira. Talvez tenhamos que viver como-se ela fosse verdadeira, mas não devemos supor que a revelação seja a verdade. Brunner certamente tenta desviar o criticismo adicionando que “Esse Como-se não contém nenhuma incerteza — pois ele é um como-se divinamente garantido”.

É difícil, contudo, derivar muito conforto de tal Como-se garantido divinamente. Pois, visto que Deus algumas vezes usa a falsidade na revelação, a própria garantia pode ser Como-se e falsa. Como podemos de alguma forma saber? Mesmo se a garantia divina não for falsa, ela ainda será meramente um indicador para alguma coisa incognoscível e ininteligível. Ela nunca poderia ser aceita num significado literal.

A objeção fundamental à Neo-ortodoxia não é que ela negue essa ou aquela doutrina cristã. A objeção não é que ela descarte metade ou três quartos da Bíblia. A objeção fundamental é que toda inteligibilidade desapareceu. Nenhuma doutrina permanece. Nada da Bíblia é deixado. A verdade se torna impossível e somos deixados à mercê da paixão cega.

Esse é o resultado do irracionalismo contemporâneo. A ele se une todo o opróbrio que a palavra *irracional* sugere, e o custo de aceitar tal ponto de vista não é nada menos do que a insanidade.

Por outro lado, a sanidade e o Cristianismo requerem intelecto, razão, lógica e verdade, pois no princípio era a palavra, o *Logos*, a sabedoria eterna de Deus.

Traduzido por: [Felipe Sabino de Araújo Neto](#)
Cuiabá-MT, 14 de Agosto de 2005.